



Dr. Domingos Pinto Coelho

Notavel jurisconsulto e illustre leader do Centro Catholico Portuguez no senado

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200; rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro—Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Sucessor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

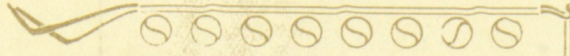
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Alfonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comorar para si e para as suas familias medicamentos meliores e com apatimento de... em... farmacia mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retiro do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



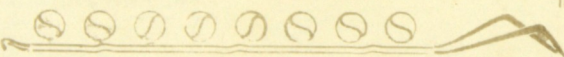
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria..

Vago

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos

Vago



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 31 de Agosto de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 270—Anno VI



D. Antonio José de Souza Barroso

Bispo do Porto

Nasceu em Remelhe, diocese de Braga, a 4 de Novembro de 1854. Depois de relevantes serviços prestados á Igreja como missionario foi eleito bispo titular de Hymeria em 1 de julho de 1891 sendo transferido para a diocese de S. Thomé de Meliapor em 15 de setembro de 1897 e nomeado bispo do Porto em 20 de 1898. Falleceu a 31 de Agosto de 1918.

A «Illustração Catholica» sente profundamente a perda de tão inclyto prelado

Longe!

ALLI do adro, sob a copa rareada da velha oliveira centenaria, todo o boleado da paysagem, lindada de uma corôa de montanhas, parecia um cachão de luz intensa na alvinitencia torrida do meio dia. Nos esgêlhos das arvores a ramaria parêra como n'um hausto; nos campos e agrellas, dispostos em patamar pelos pendores, os milhos, de um verde amarelado, dir-se-hiam erguidos mais alto para sorvêr as bafagens quentes, sequiosas; e as levâdas aqui, alem, punham no silencio um rumor de rodados nas estradas.

Eram mais alvos os campanarios das capelinhas terminando na garupa dos cerros, os horizontes, como marcos geodésicos das almas, e as badaladas demoradas, compassadas, amplificavam resonancias de crystal, n'um movimento circulatorio que, successivamente decrescendo, descrecendo, adormecia por fim nas dobras dos outeiros e nos altos e pedregosos costados dos montes circumjacentes. O chão ardente resoava sob as plantas dos pés na caminhada.

Havia como que uma suspensão na athmosfera. Abafava-se...

E foram estes os primeiros dias de descanso (?) longe da cidade, das cervejarias atulhadas de insedentos, do transito insuportavel sobre o asphalto da cidade em que, lá em baixo, o calor faz raiva durante a faina e o vai-vem do trabalho estupendo e phrenético, e ao pôr do sol nos atira espapaçados para dentro do *tramway* o pedir ao mar a esmola da frescura, do ar puro e do silencio do seu rumor maguão e profundo!...

Quando o correio apparece, eu éstremeço, ao receber os jornaes e as cartas. Não desdubro os primeiros nem rasgo os subscritos das segundas, sem que pergunte: — que novo aborrecimento apoquentador vem perturbar-me?

Todo o torvellinho da vida se esquece, encostando a fronte ao seio da terra inconspicada, meu amigo, que hontem ainda me perguntavas n'uma carta, escripta da tua velha e fidalga casa transmontana, se não me entedia-va por aqui!

De tarde, de vez em vez, alguém passa e conta que lêra n'um jornal atrasado isto ou aquillo da politica...

— Ah! sim?... murmuro sem curiosidade, refugindo propositadamente de apreciações. O ideal é não pensar no que se deixou com vontade de não se tornar a ver. E os dias escôam-

se serenos, na esteira do sol lucidos, alegres, mádidos no frescor das manhãs, tranquillós, entre o leve arroxear das montanhas, quando sobre a linha dos seus recôrtes se estira a faixa de oiro e fogo do poente...

A mesma vida de pequeno burgo nos surprehende, nos accorda com suas ridicularias importadas. Porque, creia o leitor, a vida provinciana é o espelho caricaturador da vida que por nós roça, lá em baixo, nas ruas, nos *cinemas*, nos theatros, nos clubs, nos cafés...

As imitações dos figurinos, essa elegancia de caixeiros, sedendo a exagêros e a patchouli, com namórios pèrvos e intrigas de bairro, — o menino que extravasa a furia idyllica em pachouchadas mysteriosas nas gazêtas, com ares de litterato em cuba, a menina, de carecos de *maja* collados a gomma arábica nas bochechas e (pobrinha d'ella!) pretendendo tambem mostrar as gambias escanifradas arrepanhando desmedida, indecorosamente, as saias, o pequenino mundo de theatrinhos particulares com poelastros que recitam escandalosamente às tirâdas timpanicas do Junqueiro, — tudo que faz sorrir de alegria, por vêr que afinal ainda ha um canto do orbe onde a mentira convencional apparece em camisa de noite, mal velando o esquelêto, como as damas serodias que imaginam triumphar da caquexia á força de *bâtons* baratos e chumaços.

Já lá vae o tempo em que a provincia, mesmo nas casas de mediania, tinha um ar de recato delicado e intelligente. Havia paixonetas ao som da *Lucia de Lamermoor*, da *Norma*, do *Noivado do Sepulchro*, havia raptos trágicos, paes ferozes que anathematisavam os contraven-tores da sua vontade soberana. Havia tudo isso, havia. Mas hoje, meus senhores e minhas senhoras, faz saudades esse tempo das sêges, das diligencias, das saias de sêda e merinaque e dos serões.

O Fialho via longe quando, alarmado, denunciava que o incendio das cidades começava a deflagrar pelos villórios. Já n'estes se não pode parar. O refugio é, como tu dizes ô Bivar, o Zê-Povinho, a aldeia, este silencio da noite em que estou rematando a chronica, com a zoadá larga dos ralos, a lua redonda, cheia, a subir u'um céu sem mácula e a voz das águas a cantar baixinho a canção embaladora da paysagem quasi a dormir como as creanças a taes horas.

Está a tocar ás Almas, ...

F. V.

VIDA INTENSA

Por J. de Faria Machado.



situação política aggravou-se; o democratismo não podendo triumphar pela força pretende vencer pelo terror e d'ahi, esta atmospheria de pavorosa, que se respira todos os dias, e que penetra a vida nacional como um veneno de morte.

Vencidos na Rotunda, vencidos nas urnas, enxotados das repartições e dos cargos chorudos, privados do negocio, os democraticos, não se resignam facilmente a um passadio de miseria — querem mandar e querem... comer. Não é um partido que ullula vinganças; é um estomago que supplica o repasto largo em que viveu.

Todos os dias, a todos os instantes, por todos os meios essa gente bolsa ameaças e injurias, espalha boatos, semeia tempestades sinistras de vinganças e refaliações, mas se o governo os prende, se descobre os seus propositos, todo, enfim, esse côro turvo d'ameaças muda para a lamurienta cantilena de vexames soffridos, das perseguições supportadas. O tigre converte-se n'um pachorrento maltez. O sr. Sidonio Paes tem responsabilidades n'este estado de coisas, tem muita culpa n'esse transformismo politico-animal. Se não fosse homem de lindos gestos (é assim que o madamismo falla, porque S. Ex.^a tem um grande partido de mulheres) e attentasse que as sensibilidades do seu coração, são cousa minima, ante as dôres que podem alancear o coração d'uma patria, o perigo democratico estaria conjurado. Mas S. Ex.^a que tem bellos actos de coragem pessoal, tomou-se um pouco do prazer dos gestos e confia demasiado na sua boa estrella, que d'um momento para o outro o pode abandonar. E' bom que se convença, que se muita gente tem auxiliado com desinteresse a sua situação, se certa classe, onde a politica não devia entrar, veio para a politica, não foi positivamente pelos seus lindos olhos ou pelos seus commovidos gestos de piedade mas tão somente porque o acaso de momento o collocaria á

A situação.

frente d'uma corrente d'opinião, o fez symbolo passageiro d'um processo politico. O paiz asfixiava sob a pata democratica, a nação encolhia-se de medo ante um horizonte rubro d'ameaças e de vilipendios, que surgiram de toda a parte quando S. Ex.^a cavalcou para a Rotunda e correu para longe com a malta governativa e por isso mesmo agradecido o tem ajudado com fervôr.

Mas queria e tinha direito a muito mais. Sem represalias cobardes, que não estão na indole da raça, muito embora a portuguezes se tivessem feito selvagerias e infamias desejava como hoje exige que o problema da ordem fosse soluccionado com energia e com decisão. Exige porque quer viver, trabalhar, progredir, preparar-se enfim para arcar as tremendas consequencias do liquidar da feira sangrenta, absolutamente garantidas as suas liberdades e o seu socego pessoal. Nenhum homenzinho de Deus pode viver á mercê constante de boatos e d'ameaças, num regimen incerto de prevenções, ao arbitrio das ambições d'uma quadrilha que hoje irrompe brandindo odios numa *fabrica* de bombas, quando lhe saccode as costas tranquillamente viaja, o insulta e ameaça nas columnas dos seus jornaes. Ora até hoje o sr. Sidonio Paes não solucionou esse problema, não soube conjurar esse perigo. Pimenta de Castro perdeu-se perdendo uma boa occasião d'evitar enormes crimes, porque não vestiu a sua farda de general; e longe vá o agoiro, mas desconfio já que o actual chefe d'estado é capaz tambem de se perder porque não quer empunhar de novo a sua espada de revoltado.

Se é tempo desembainhe a sua espada não com theatraes gestos de curso ousado para um acto de poder pessoal, mas com a mão firme de quem deseja dominar um perigo para o restabelecimento da ordem em Portugal.

Urge faze-lo, é necessario que o faça se não quer as maldições do paiz.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BORESSO DA FALPERRA.

LI

O nariz na psychologia.



CREVEU o auctor do capitulo italiano, varias vezes memorado, que a psychologia do nariz está por fazer.

Não desagradará aos leitores um esboço d'esse estudo feito em França ha mais de meio seculo e tambem ha mais de meio seculo traduzido nas paginas do interessantissimo *Panorama*.

Incapaz de fazer melhor, transcrevo a obra feita por mão de mestre, para que fique neste acervo de materias que lego juntos para quem tentar a obra definitiva sobre o nariz.

O collega italiano decerto desconhecia este importantissimo contributo para a psychologia do nariz.

"Ha no vulto humano feições moveis e que mudam de continuo conforme o estado da alma, e feições que jamais variam, sejam quaes forem as commoções do coração; o nariz é d'esta ultima especie. Elle conserva-se da mesma forma sempre immovel, embora os labios exprimam a alegria com um sorriso, o escarneo por meio de uma equivoca dilatação, ou o desprezo por meio do franzimento. Espectador mudo e impassivel assiste ás scenas das paixões sem sentir o menor abalo. Rodeado de actores expressivos coadjuva-os desinteressado nas suas emprezas, presta-lhes a sua energia para conseguil-as, ou condescendente permittelhes o tentá-las, mas sem nunca tomar nellas parte activa.

Quer a peça seja tragica, como na cholera, ou comica, como na explosão do jubilo, nem por isso varia o seu aspecto ou postura; mas conserva sempre a attitudo soberana, a immobildade da inercia, da incuria, ou da firmeza.

"Dever-se-ha inferir d'isto que o nariz é uma feição insignificante para avaliar á primeira vista o caracter dos homens? Mui longe d'isso, é precisamente por estar isento d'essas commoções fugazes que fazem do vulto humano um quadro tão variado e instavel, que releva dar mais importancia ás noticias que elle ministra.

"O nariz indica muito menos as commoções actuaes do que a natural propensão do espirito, do que a energia da estrutura, e o genero do temperamento. Elle patenteia a fraqueza ou vigor, a nobreza ou a abjecção, uma sensualidade excessiva, ou a submissão das paixões a uma vontade mais forte do que ellas; mas divulga ainda melhor as inclinações energicas que resultam da primitiva organização, do que os desejos inconstantes, que nascem posteriormente da educação ou do exemplo. Finalmente não revela quasi nenhuma das fraquezas adquiridas ou das virtudes convencionaes, porém denota com alguma certeza qual é a propria essencia do caracter individual. Vou explicar a causa d'isto.

"Aos treze para quatorze annos, epocha da puberdade, adquire o nariz a grandeza e a configuração, que ha de inalteravelmente conservar d'ahi em deante.

Elle não é, a fallar a verdade, mais do que o prolongamento, e o remate da testa, acabada mais cedo do que elle, e offerce, assim como esta, uma sorte de imagem do espirito, e como um programma da indole. O nariz e a testa

estão quasi sempre em perfeita harmonia, de sorte que um d'elles confirma o que o outro annuncia, e unanimes são as suas decisões. E' raro que um nariz ignobil esteja unido a uma formosa testa intellectiva. Tal nariz, tal testa, e tal testa, tal entendimento: esta regra tem poucas excepções.

"Aos quinze annos tambem o peito se arredonda, muda a voz, e caracterizam-se os sexos. Fôra até alli impossivel prever qual seria a forma do nariz ou o seu volume. A epocha em que elle acaba de desenvolver-se é, pois, aquella em que os sexos se distinguem, em que o temperamento se forma, em que o corpo cobra forças ou fica sendo debil fôda a vida; de maneira que o nariz é contemporaneo das propensões, das paixões, do temperamento, assim como d'essa energia corporea que, segundo o seu grau, conserva sempre tão grande ascendente no procedimento dos homens. — Por que motivo, pois, causarão tanto pasmo as preciosas indicações que o nariz fornece a certas pessoas, que decifram uma figura humana muito melhor do que uma chronica da idade media?

"Eis aqui, em conclusão, algumas das formas que toma o nariz, e, a este respeito, varias conjecturas que cada um poderá modificar a seu geito.

"As organizações mais felizes dão-se frequentemente a conhecer por esses grandes narizes aquilinos ou d'outra configuração, que formam quasi a terça parte da face em altura, e a quarta da totalidade da cabeça. Os amenos climas de Athenas e de Roma, os costumes republicanos, a vida dos campos, do gymnasio e da arena, tornavam este caracter muito familiar nas physionomias grêgas e romanas, e estes grandes povos, que escolhemos para modelos, em quanto conservamos a orgulhosa esperança de excedê-los, até consideraram o nariz de que se tracta com o unico compativel com a majestade dos deuses e dos heroes.

"Com tudo é difficil encontrar em os nossos tempos modernos esses narizes perpendiculares, que os artistas grêgos costumavam dar ás suas estatuas, e isto mesmo é um aperfeiçoamento, e uma felicidade, se devemos dar credito a Lavater; porque este auctor obra de um dia; elevai-vos muito embora ao grau de erudito... mas fazei-nos a mercê, meu caro amigo, de não ambicionardes ser santo: a canonização do vosso primo Carlos arruinou a vossa familia!"

Um grande nariz coroadado de uma testa espaçosa e proeminente, de que o separa um leve chanfro, indica uma sêde abrazadora de mando, a firme vontade de superar os obstaculos, e a perseverança necessaria para combatê-los, porém não a circumspecção que os esquiva, nem a previsão que sabe dissipá-los.

A physionomia de Napoleão revelava estas qualidades.

No proximo serão proseguiremos transcrevendo o estudo, que é no *Panorama* acompanhado de estampas elucidativas que sentimos não poder zincografar para exame directo dos exemplares historicos.

Quantas leitoras, e leitores tambem, irão reler este serão deante do espelho!

MARIAS

Bemdicto seja na terra,
O nome da Mãe do Céu...
Maria se chama a virgem,
Maria me chamo eu.

— Marial — chamam por mim,
— Marial — digo a rezar:
Nome que vae e vem
Do coração a fallar,
Como as ondas, que tambem
Veem do fundo do mar sem fim
Bater nas praias do mar.

— Marial — chamam por mim:
E a Virgem põe-se a escutar,
Minha Mãesinha, rezando,
Diz: — Maria! — e fallo-lhe eu!
Responde-lhe a filha, quando
A Mãe chama a Mãe do Céu...

Por outras vezes, chamando
Por mim, eu ouço-a — Maria! —
Mas não respondo, a pensar:
Foi a chamar-me? ou seria
Minha Mãesinha a rezar?

Maria se chama a Virgem;
Maria me chamo eu;
Eu sou Maria na terra:
Ella, é Maria no Céu.

Antonio C. d'Oliveira.



Reflexões sobre um jubileu.

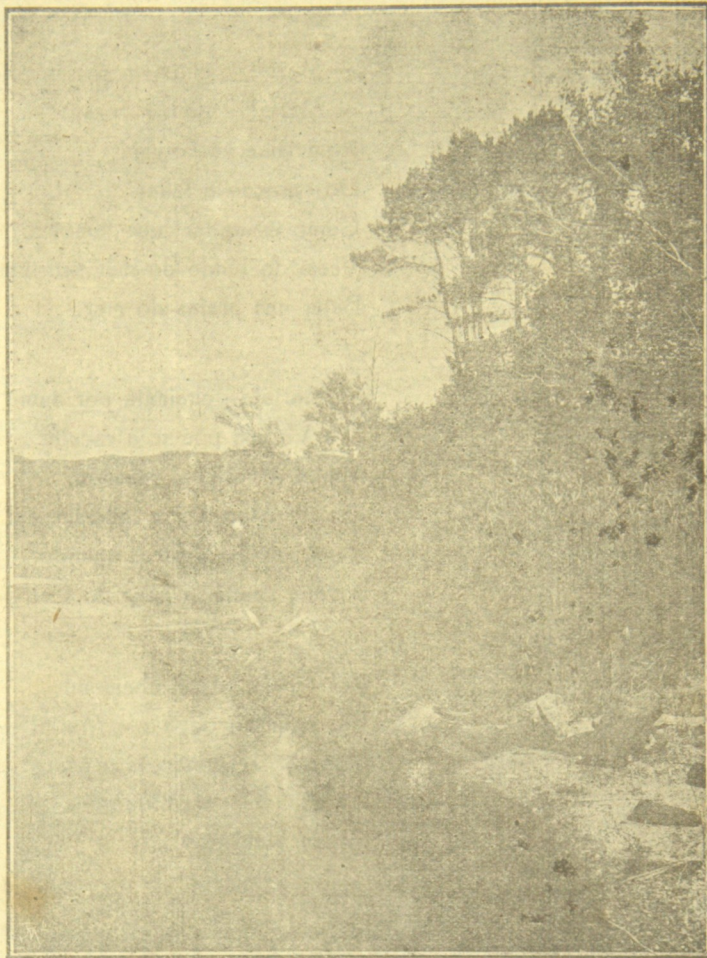


UMA clara manhã de fevereiro do anno da graça de 1209, quando o filho de Bernardone assistia na egreja da Porciuncula, á missa, ouviu distintamente aquellas palavras do Evangelho do dia:

—Ide e pregae; curae os doentes, alimpae os leprosos; não deveis possuir nem oiro nem prata, nem alforge para o caminho, nem manto, nem sapato, nem bordão. Quando penetrardes n'uma casa, dizei: Que a paz seja n'esta casa, e se a casa d'ella fôr digna, a vossa paz descerá sobre ella, senão a vossa paz tornarâ a ir comvosco!

Tendo meditado n'estas palavras, o jovem apercebeu-se então da brevidade das coisas humanas e a si mesmo jurou seguir, soffredor e nú. ao Salvador nu e soffredor. Desde então, renunciando a tudo o que fizera a sua alegria, elle, o requintado, deu ás chagas dos leprosos a suprema esmola dos seus beijos; elle, o ambicioso de toda a gloria, desdenhando os altos feitos cavalleirescos, seus antigos modelos, jurou sêr somente o arauto de Deus, e não ter outra dama que a Pobreza. Mas, se é relativamente facil renunciar aos bens terrenos, ha uma lucta em que a victoria ainda deve sêr de mais caro preço: aquella que é preciso conseguir sobre esse *eu*, simultaneamente nosso inimigo e nosso hospede, nosso mais querido e mais insupportavel companheiro. Francisco declarou-lhe uma guerra implacavel porque era devorado por essa ancia do melhor que é o tormento de todas as almas ardentes. E tendo triumphado de si mesmo, pedindo até perdão «ao seu irmão burro»

de todas as misérias que lhe inflingira, o novo cavalleiro de Deus, apoz aquella rude velada de armas ante o Crucifixo de S. Damião, vae espargindo a paz, subindo a *via-dolorosa*. A doce terra da Umbria tornar-se-ha a sua Gallileia, o nome de Subiaco o do seu Thabor, e mais tarde o Alverne, na hora



Ponte Delgada —[Margens da Lagoa das sete cidades.

das divinas feridas, o seu Golgotha.

Os primeiros discipulos, frei Bernardino, frei Angelo, frei Egidio, serão seus compatriotas, e Francisco, em lembrança das suas leituras de infancia, chamará ao ultimo o seu «cavalleiro da Távola-Redonda» e a frei Leão *la Picorella di Dio*...

Ah! só o pincel de fra Angelico poderia pintar, com a magia das suas *nuances* claras, sobre o azul puro e o oiro fundo, a doce vida dos primeiros irmãos, d'esses primeiros peoneiros da epopeia franciscana que partiam cantando com as aves do Senhor sob as ramadas insoladas de Ancona!



Nas margens do rio Paiva.

Todos se dirigiam uns aos outros com a mesma saudação: *Que Deus vos dê a sua paz!*

E este desejo era tão plenamente sentido que o agradeciam redizendo todos sem cessar: *Padre Nosso que estaes no céu...*

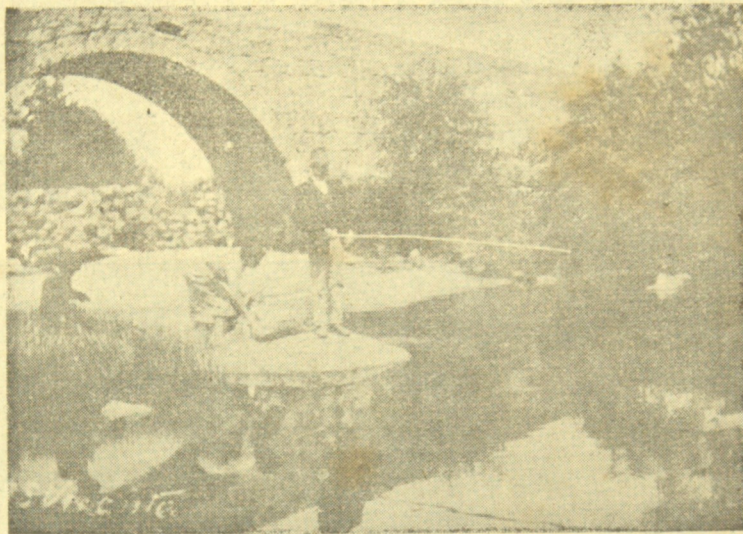
O povo seguia já atraz do *Poverello d'Assise*, atrahido por aquella misera pobresa que reinava no *luogo* d'Assis ou nas solidões poeticas de Rivo-Porte, que dormia e que rezava sob as cabanas de ramos entrelaçados, sobre montículos estreitos de palha. E assim se fundou a Ordem dos Frades Menores.

Por vezes as predicas de Francisco tomavam uma forma triumphal. O povo accudia em massa com palmas na mão bradando: *Ecco il Santo* e dir-se-hia que toda a criação comprehendia a sua voz: muitas vezes teve de impôr silencio «às suas irmãs andorinhas» pedindo-lhes que o deixassem cantar louvores a Deus; os

cordeirinhos seguiam-lhe os passos; e os peixes do Trasimeno sahiam da agua para escutar-lhe a voz.

Guilherme Divini, coroado de laureis no capitolio romano e proclamado o rei dos versos, subia da capital, cercado de alegre companhia disposto a rir-se d'aquelle que tinha por inseto. Bem depressa, porém, a pretensa loucura lhe pareceu sublime e quando o *Poverello* terminou, uma coisa muito simples e bella se passou: — Divini lançou-se aos pés de S. Francisco exclamando: *Irmão, leva-me para longe dos homens e dá-me a Deus!* No dia seguinte, revestiu-se do pardo burel dos frades, cingia aos rins uma corda e o nome de *Pacifico* apontava áquelle que do tumulto dos homens fora levado á paz do Senhor.

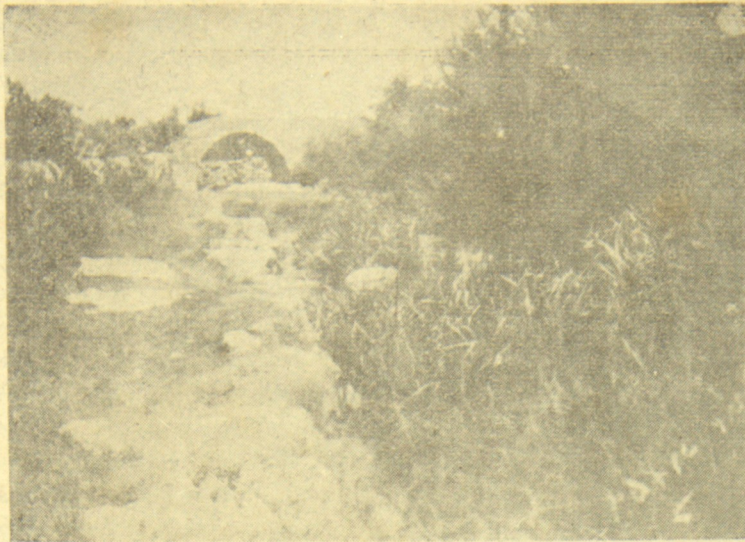
Cem annos depois, um outro poeta, muito superior a Divini, devia vir procurar, por



Descando junto da Ponte Romana sobre o rio Paiva.

sua vez, a paz que S. Francisco ensinara ao mundo. Uma tarde, Dante, encanecido e já curvado, apresentou-se á porta d'um convento dos Apenninos e como o irmão porteiro lhe perguntasse o que desejava, o genial atormentado, contentou-se com dizer: — *Pace*.

... A paz traz a alegria pela mão e o Po-bre d'Assis, no meio dos soffrimentos que ter-



Outro aspecto da Ponte romana.
[Clichés do sr. Alípio da Silva Vicente].

minâram a sua curta vida, superabundava de alegria que espalhava em doces cânticos. Cantava o *irmão Sol* erguendo para elle as mãos sangrando os rubis das feridas sublimes; cantava Deus quando dizia no seu cântico da benção: «Tu és o bom, toda a belleza, o bem supremo e verdadeiro!» Tu és a belleza, a certeza, a alegria e a paz!».

Canta sobretudo a *irmã morte*: a flamma queimou depressa na atampada de argila a luz dos seus olhos. E aos quarenta e quatro annos, S. Francisco, sentindo-se perto do seu fim quiz ser transportado para a Porciuncula. Pousaram-no seus Irmãos sobre uma redouça, e a meio caminho parâram. Avis-tavam-se os bastiões e as portas de Assis, para lá das filas das casas erguia-se o rochedo nû de San-Rosso, e ao longo, viam-se, tonalisadas de azul, as alluras de Sabiaccio, ebrigando a ermida de S. Damião. Em redor desdobrava-se a planicie, ondulada e fecunda, doirada pelo esplendor do sol do outomno.

E com os olhos quasi desvidrados, por mui-

cantando o irmão Sol e abençoando a morte sua irmã, o Poverello entrou na eterna paz.

O ar encheu-se d'um fremito sonoro: as boas amigas do Poverello, as avesinhas que com elle haviam cantado o Senhor, avoejavam, chilreando, em volta do seu corpo e saudavam n'um ultimo adeus a ascenção da sua alma em paz.

M. T.



As azenhes no rio Ave.

DECCORRAM brilhantissimas as festas de Nossa Senhora do Soccorro realizadas ha poucos dias na linda villa da Regoa, sendo enorme a affluencia de forasteiros, comprindo-se á risca o programma annunciado.

A parada agricola, um dos principaes numeros do programma, foi esplendida pelo numero e



As ornamentações na rua Serpa Pinto.



O carro da Familia Sagrada na procissão.

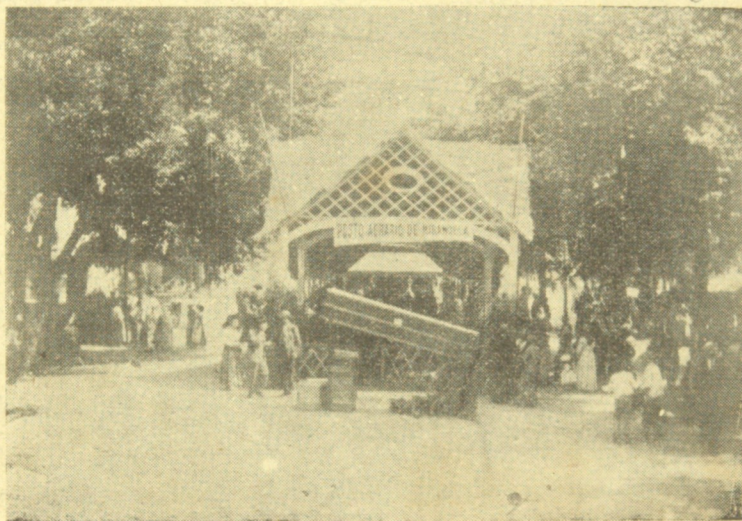
sição pecuaria foram importantes apparecendo bellos exemplares.

A procissão que ia lindamente organizada causou a melhor impressão atravessando magestosamente as ruas da villa por entre alas compactas de povo que com o maior respeito assistiam á passagem do religioso cortejo. N'elle se incorporam cerros triumphaes, andores e figuras allegoricas, bellamente vestidas presidindo S. Ex.

qualidade dos productos expostos. Deve-se a sua iniciativa ao sr. dr. Julio de Araujo que tambem concorreu á exposiçào com magnificos productos.

Entre os restantes expositores destacavam se as installações dos srs. Marquez de Castello Melhor, D. Bernardo da Silveira que expuzeram finissimos vinhos velhos da casa da Varzea, Macario de Castro, da casa das Brolhas, Agostinho de Sousa Guedes, Moreira da Silva, etc.

A feira franca e a expo-



Parada Agricola — Pavilhão do Posto agrario de Mirandella.



Pavilhão dos productos da Casa da Varzea.

Rev.^a o Senhor D. Francisco, bispo de Lamego.

Pelo sr. Dr. Julio de Araujo, dignissimo presidente da commissão organisadora da parada agricola foi offerecido, no salão do tribunal judicial um optimo banquete ao qual assistiram o rev.^{mo} bispo da diocese, commandante da divisião e ajudantes, governadores civis de Villa Real e Bragança, auctoridades locais e muitas outras pessoas, em evidencia, decorrendo o jantar animadamente sendo o sr. dr. J. d'Araujo muito saudado.



Exposição de lavôres na Camara Municipal.



Um aspecto da Praça de Touros na tourada de 15 de Agosto
(Clichés de Antonio Teixeira).

A *Illustração Catholica* querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus ex.^{mos} assignantes, colaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias d'estes heroes as suas fotografias para aqui serem publicadas em logar proprio.

Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.

Ao leitor

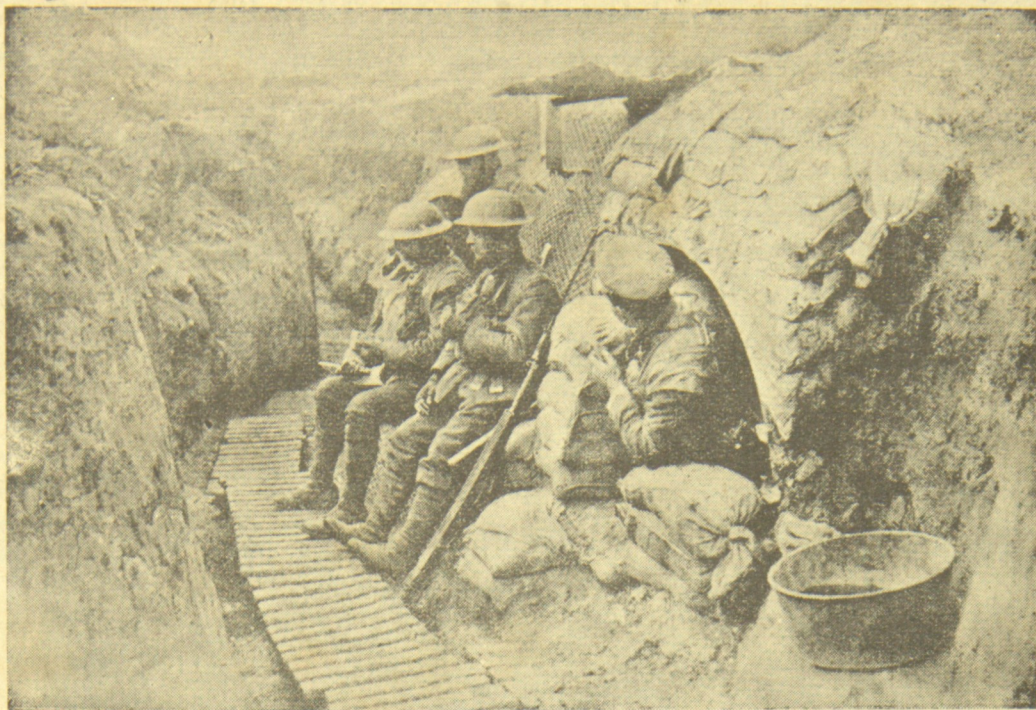
Depois de lida enviar esta revista á *Junta Patriotica do Norte*, [Paços do Concelho, Porto] a fim de esta a mandar para os nossos soldados no «front».



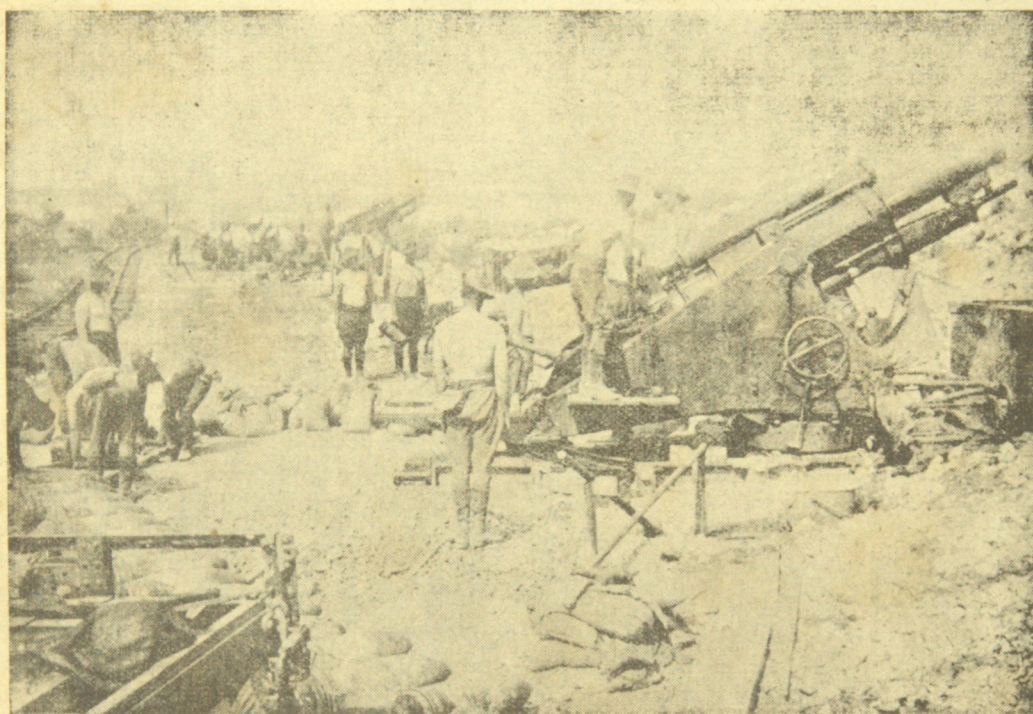
Um soldado italiano transmittindo por meio d'uma bosina orders superiores a um destacamento estabelecido perto dos Alpes.



Enterro de um soldado, 'inglez n'uma cidade do norte da França.



Soldados de infantaria inglesa em serviço de vigilância n'uma trincheira da frente anglo-francesa.



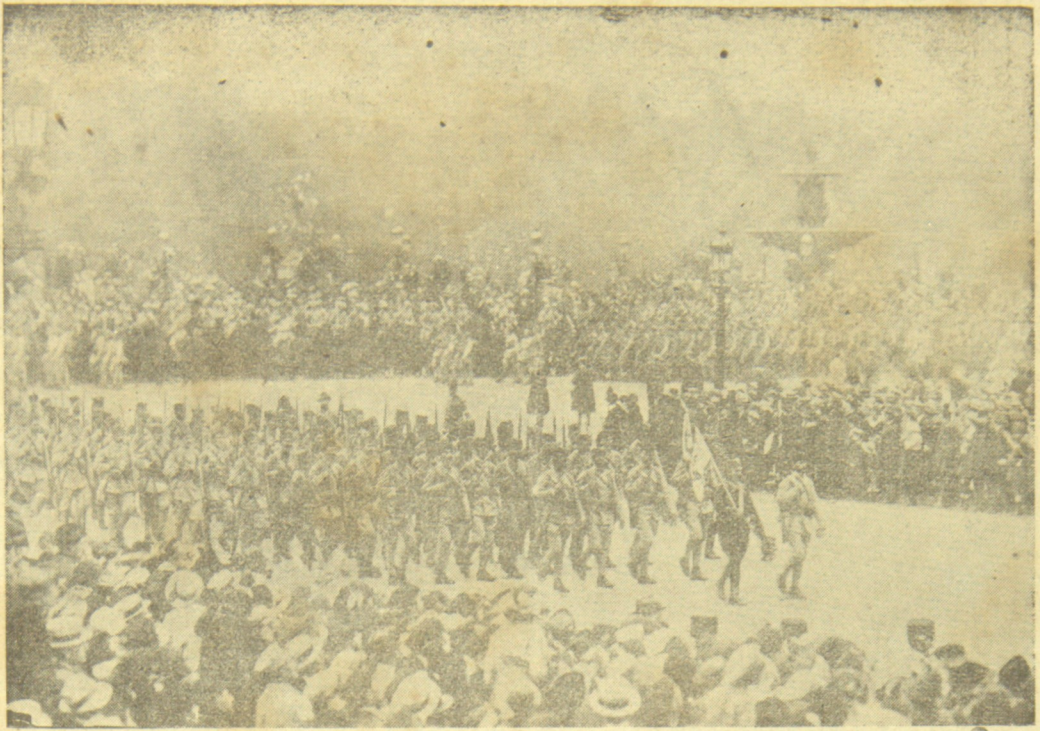
Artilheiros australianos bombardeando as linhas da rearguarda do exercito inimigo.



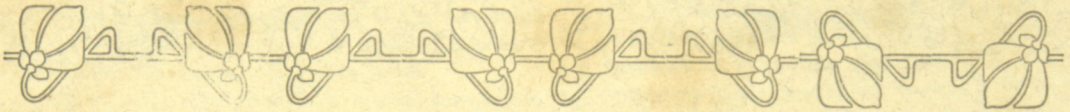
Canhão inglês, de grosso calibre, disparando contra as baterias allemãs na frente occidental.



Officiaes americanos feridos na guerra, descansando n'um dos salões d'um hospital inglez.

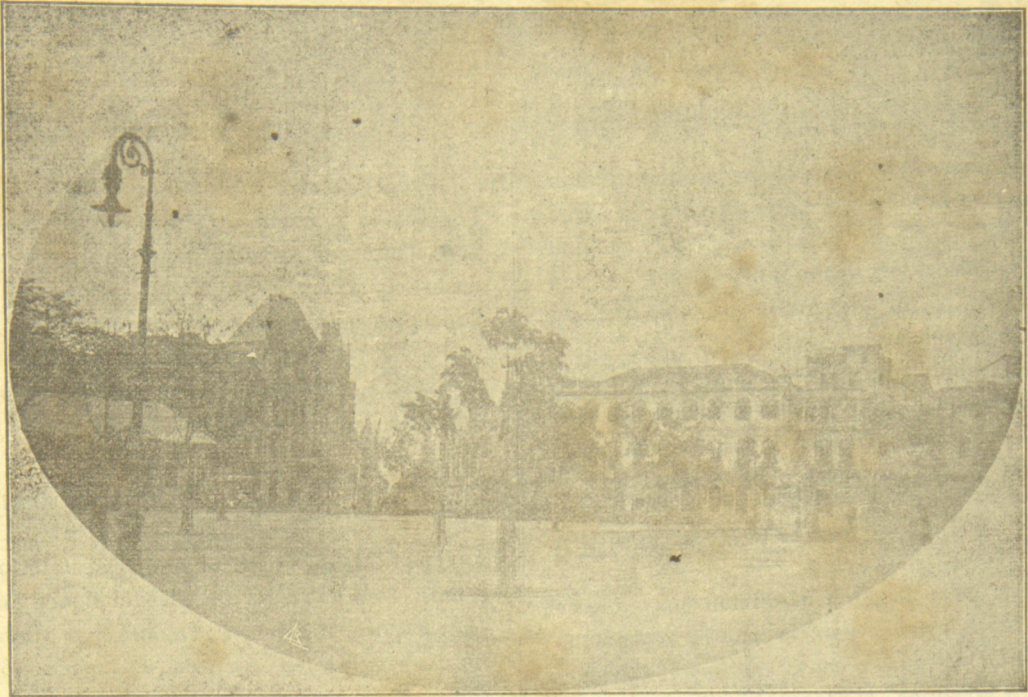


Soldados servios desfilando pela praça da Concorde de Paris por ocasião da festa do 14 de julho.

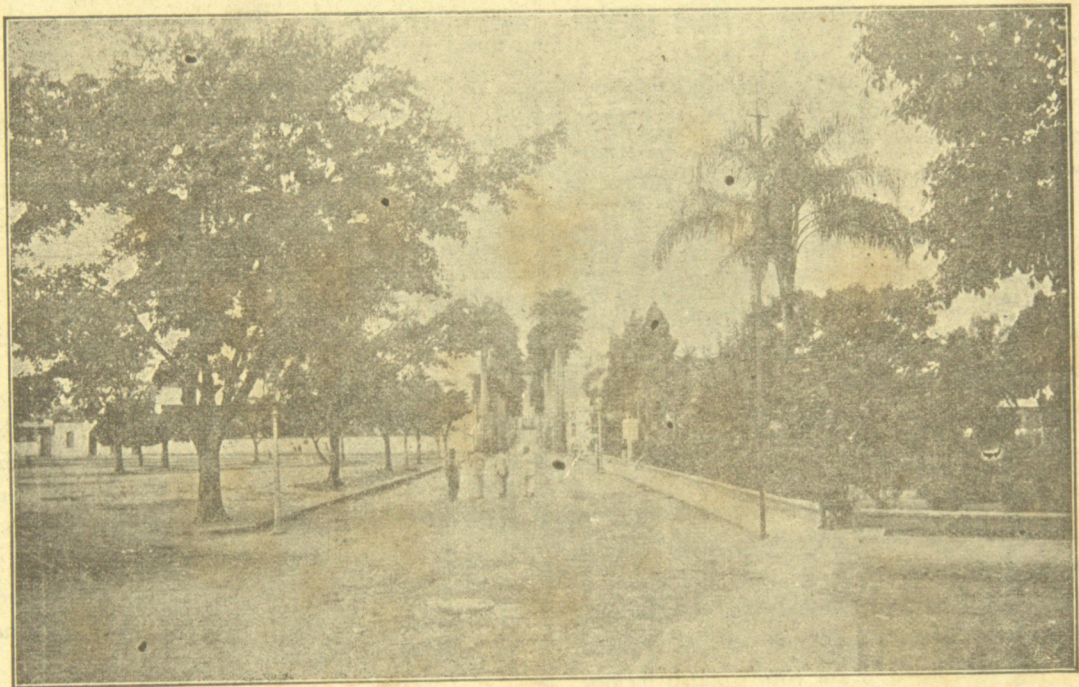


O presidente da republica franceza condecorando varios officiaes estrangeiros que se distinguiram nos ultimos combates.

A "Ilustração Catholica" no Brazil



Rio de Janeiro — Um aspecto da cidade.



Rio de Janeiro — Praça Mauá.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Soldado valente

Ao imperador Augusto pediu um soldado romano certo logar em paga de muitos serviços que havia prestado. O imperador recomendou aos ministros, por meio d'um valido, a sua pretensão, o que desgostou o soldado tanto que lhe disse:

— Senhor, quando a vossa pessoa perigava nas campanhas, não punha eu outrem em meu logar para vos defender a vida. E, despindo o peito, mostrou-o sulcado de cicatrises.

Honrosa sepultura

Num baile da cõrte perguntou um fidalgo a João Rufo, que lhe parecia uma formosa dama que tinha no queixo uma engraçada covinha.

— Parece-me honrosa sepultura para o coração d'um homem de bem.

Dois condes

O conde de Borba e o conde de Abrantes, aquelle muito fallador e este muito silencioso, requereram a el-rei uma mercê que elle demorava. O de Borba instando mais uma vez ouviu do monarcha:

— Conde, fallais muito,

Respondeu elle:

— Pois senhor, se v. alteza me não despacha porque fallo muito, despache ao conde de Abrantes, que não falla.

Um soneto

Respondeu D. Luiz de Menezes, conde de Ericeira, ao auctor d'um soneto, que pedia a sua opinião:

— Digo-vos d'este soneto o mesmo que costumamos dizer a qualquer amigo, quando veste um fato novo: Esse roto e outro melhorado.

Auctoridade á vontade

Prégava n'esse dia um orador de boa fama. Foi ouvi-lo o conde de Portalegre, mas era na egreja tão compacta a multidão que a muito custo conseguiu logar numa bancada. O que lh'o tinha cedido perguntou lisongeiro:

— Está á sua vontade?

— A pessoa sim, a auctoridade um pouco apertada, respondeu affavelmente o conde.

Senhoria e mercê

Um fidalgo pretendia do secretario de estado Pedro Vieira da Silva qualquer despacho, e para o amaciar tratou-o por *vossa senhoria*, quando o costume da epoca só lhe dava *vossa mercê*. Apesar, porém, da lisonja não conseguiu ser attendido, e por desforra esqueceu-se da *senhoria* e empregou o *vossa mercê*. Pedro da Silva chamou um creado a quem deu ordens e mandou que as repelisse.

— Ordena-me vossa mercê que vá dizer...

Voltou-se o secretario de estado para o fidalgo e disse-lhe:

— Quando vossa mercê me tratava por *senhoria* fallava-me como pretendente, agora fallou-me como os meus criados.

Depois da cutilada

Julio II foi dos papas mais bellicosos que governaram a christandade. Costumava dizer:

— Os meus predecessores usaram das chaves de S. Pedro, eu tambem quero ajudar-me da espada de S. Paulo.

Um cardeal objetou-lhe:

— Mas vossa santidade sabe muito bem que Christo disse a Pedro: *Mitte gladium tuum in vaginam*:

— Assim é, respondeu o papa, mas só depois que deu a cutilada,

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres
e marítimos, grêves, e tumultos em mobílias
e edificios particulares, segura a Companhia
Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
Q-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot-
o-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha

Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e con-
certos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, har-
moniums, oculos, pincenez, binóculos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA